



Revista Geográfica de América Central

ISSN: 1011-484X

revgeo@una.cr

Universidad Nacional

Costa Rica

Furlanetto, Beatriz Helena

TERRITÓRIO E IDENTIDADE NO BOI-BUMBÁ DE PARINTINS

Revista Geográfica de América Central, vol. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 1-15

Universidad Nacional

Heredia, Costa Rica

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451744820304>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

TERRITÓRIO E IDENTIDADE NO BOI-BUMBÁ DE PARINTINS

Beatriz Helena Furlanetto¹

Resumo

O texto tem por objetivo investigar a influência do espaço amazônico na construção da identidade parintinense a partir do boi-bumbá, uma manifestação folclórica brasileira resultante da união de elementos das culturas européia, africana e indígena. Considerado a base das relações socioambientais onde se materializam as práticas sociais, o território pode ser apreendido como um referencial simbólico no processo de construção da identidade social. A identidade social é percebida como uma identidade territorial quando sua construção parte do território, tanto no sentido simbólico quanto concreto. Fundamentada na análise documental e bibliográfica, é possível perceber o boi-bumbá como um território onde os atores projetam suas concepções de mundo e constroem suas concepções identitárias, representadas atualmente não apenas como identidade ribeirinha, mas como identidade amazônica. Parintins se mostra um território produzido pela cultura das relações imaginárias que envolvem o contexto amazônico. As identidades parintinenses se revelam como um conjunto de valores e papéis em constante processo de mudança e de atualização. O boi-bumbá é um espetáculo tecido com o encanto das toadas e lendas, representações de rituais indígenas e celebrações tribais povoadas por seres míticos amazônicos, uma expressão máxima da autenticidade cultural da região Norte do Brasil.

Palavras-chave: território; identidade; folclore brasileiro.

Introdução

¹ Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, doutoranda em Geografia na Universidade Federal do Paraná, pesquisadora, pianista e professora assistente da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. E-mail: bia@sulbbs.com.br

O campo de atuação da Geografia está balizado pelo conceito de espaço geográfico, o qual foi pensado, primeiramente, como espaço absoluto, lugar de ocorrência do fenômeno geográfico, passível de delimitação e localização; depois, como espaço relativo, que concebe o espaço como representação, podendo ser objetivamente delimitado em cartas e mapas; na década de 1980, definiu-se o espaço como sendo ao mesmo tempo absoluto, relativo e relacional (espaço que contém e está contido nos objetos); e mais recentemente reflete-se sobre o espaço como coexistência de tempos, constituindo materializações diversas, e conseqüentemente espaço(s) geográfico(s) complexo(s) e carregado(s) de heranças e novas possibilidades, de acordo com Suertegaray (2001).

A partir da definição de espaço geográfico, segundo essa autora, é possível trabalhar com outros conceitos operacionais, como paisagem, território, lugar e ambiente, que expressam determinadas possibilidades de leitura do espaço geográfico, delineando um caminho metodológico:

[...] podemos pensar o espaço geográfico como um todo uno e múltiplo aberto a múltiplas conexões que se expressam através dos diferentes conceitos [...] o espaço geográfico pode ser lido através do conceito de paisagem e ou território, e ou lugar, e ou ambiente; sem desconhecermos que cada uma dessas dimensões está contida em todas as demais (SUERTEGARAY, 2001, p.9-10).

Para investigar o folguedo² do boi-bumbá parintinense, a partir da análise documental³ e bibliográfica, o espaço geográfico será concebido como território: a base das relações socioambientais onde se materializam as práticas sociais. Abordar o espaço geográfico na perspectiva da territorialidade mostra-se pertinente à discussão de poderes que influenciam o processo da construção identitária.

Parintins é uma cidade do interior amazonense, localizada na ilha de Tupinambarana, a 420 quilômetros de Manaus, com pouco mais de 50 mil habitantes que,

² Folguedos são festas populares de espírito lúdico que se realizam anualmente, em datas determinadas, em diversas regiões do Brasil.

³ O documento, nesta pesquisa, é entendido como “qualquer informação sob a forma de textos, imagens, sons, sinais, etc., contida em um suporte material (papel, madeira, tecido, pedra), fixados por técnicas especiais como impressão, gravação, pintura, incrustação etc. Quaisquer informações orais (diálogo, exposições, aula, reportagens faladas) tornam-se documentos quando transcritas em suporte material”, conforme Chizzotti (2003, p.109).

no mês de junho, torna-se o palco da maior manifestação cultural do Norte brasileiro, o Festival Folclórico de Parintins, que divide o município, seus moradores e os turistas entre as cores azul e vermelha, das agremiações do Boi Caprichoso e do Boi Garantido. Os grupos se apresentam durante três noites no Centro Cultural e Esportivo Amazonino Mendes, conhecido como Bumbódromo. Essa particularidade da disputa entre os dois grupos de boi teve início em 1966, e tem sido reproduzida em menor escala em outras cidades amazônicas, como Nova Olinda do Norte (AM), Guajará-Mirim (RO) e em Porto Velho (RO).

O folguedo do boi surgiu no nordeste do Brasil e disseminou-se por quase todo território nacional. Ao espalhar-se pelo país adquiriu diferentes ritmos, temas, formas de apresentação, indumentárias, personagens, instrumentos, adereços e nomes: no Maranhão, Rio Grande do Norte, Alagoas e Piauí é chamado bumba-meu-boi; no Pará e Amazonas é boi-bumbá; no Ceará e Espírito Santo é boi-de-reis; no Paraná e Santa Catarina é boi-de-mamão, entre outras denominações.

O espetáculo constitui uma espécie de ópera popular, resultante da união de elementos das culturas européia, africana e indígena, no qual o boi é a principal figura de representação. Em todas as áreas brasileiras onde aparece o folguedo, a temática se desenvolve, basicamente, em torno de um rico fazendeiro (elemento branco) cujo boi de estimação é roubado por Pai Francisco, negro escravo da fazenda que mata o animal do seu senhor para satisfazer o desejo de sua esposa grávida, Mãe Catirina, que quer comer a língua do boi. Pajés e curandeiros (elemento ameríndio) são convocados para reanimar o animal e, quando o boi ressuscita urrando, todos os brincantes cantam e dançam em redor do boi, em uma enorme festa para comemorar o milagre.

O boi-bumbá e suas territorialidades

Na Geografia, historicamente, o conceito de território foi pensado e definido a partir de relações de poder: uma concepção do espaço que privilegia o aspecto político ou a dominação-apropriação.

Para Haesbaert (2004), o conceito de território é muito amplo, e tem sido discutido a partir de diferentes perspectivas em várias áreas do conhecimento: a Geografia destaca a

materialidade do território em suas múltiplas dimensões, a Economia concebe-o como base de produção, a Ciência Política prioriza as relações de poder, a Antropologia enfatiza sua dimensão simbólica, a Psicologia relaciona o território à construção da identidade pessoal. Essa variedade de enfoques, percebida na própria Geografia, pode ser sintetizada em três vertentes – política, cultural e econômica – nas quais o conceito de território está relacionado ao poder.

O território é uma organização e recriação do espaço: o homem dominando a natureza e seu próprio entorno. Essa vinculação do homem ao território surge pela busca da sobrevivência: delimitado o espaço, a coletividade se envolve “numa história e numa geografia comuns, as quais são elementos básicos à construção de identidades territoriais, e de suas respectivas comunidades”, e o Estado “dá forma e põe ordem nessa realidade, aparecendo como um modo de construir a unidade entre a coletividade humana e a parcela do espaço da qual se apropriou”, segundo Heidrich (1998, p.6-7).

A história de Parintins, suas riquezas naturais e as temáticas regionais como lendas, rituais indígenas e costumes dos ribeirinhos, são explorados pelos bois Caprichoso e Garantido: nas toadas⁴, indumentárias, alegorias e encenações, estão presentes elementos essenciais à construção de identidades territoriais.

Eu, eu sou, eu sou filho desta terra Nação guerreira, paixão vermelha

Eu, eu sou, eu sou Caprichoso A força do povo, a garra de novo

Eu sou a raça, eu sou o amor Com Garantido, e o rei daqui sou eu(...)

A voz que ecoa o meu cantar Eu sou paixão, sou emoção, sou alegria

Eu sou, eu sou, eu sou Caprichoso(...) Eu sou, eu sou, eu sou campeão

Dentro do meu peito essa paixão Sou tradição, sou paixão de coração

É azul meu coração(...) Garantido, Garantido é o nosso rei(...)

Na letra dessas toadas apresentadas em Parintins no ano de 2010 pelos bois Caprichoso e Garantido, percebe-se como os grupos envolvem a comunidade, criando uma história em comum, despertando sentimentos, tecendo laços identitários: compartilhando as mesmas toadas, cantando e torcendo juntos por um dos grupos de boi, os parintinenses constroem seus valores e estabelecem vínculos territoriais, pois a música retrata a cultura e

⁴ As toadas são composições musicais feitas para a apresentação do boi-bumbá, constituindo o fio condutor do espetáculo.

a memória do povo, possibilitando uma forma de comunicação na interrelação entre indivíduo e grupo.

A concepção do território como espaço destinado a uma nação e estruturado por um Estado, aparece no início do século XX, tendo em vista os problemas decorrentes do desajuste entre a distribuição das populações e os limites do Estado, bem como as dificuldades que alguns países enfrentavam para garantir sua segurança dentro dos limites impostos pelo seu povoamento, de acordo com Claval (1999). A ideia de território se associa à de controle, sendo o Estado uma entidade política com soberania sobre o espaço.

O Festival de Parintins parece reforçar esta soberania do Estado, tendo como referência a escala local e projetando-se para além da escala regional. Em meio à transmissão televisiva do espetáculo do boi em 2010, durante os intervalos comerciais, o governo do Amazonas veiculava uma propaganda com imagens que exaltavam as identidades regionais, enquanto se ouvia uma música que repetia o refrão “eu tenho orgulho de ser amazonense”, e finalmente aparecia o slogan “a Amazônia é do Brasil” – uma interpretação da Amazônia em escala abrangente para todo o país. Ressalta-se aqui, também, a utilização da música para o estabelecimento de vínculos territoriais. Afinal, como aponta Kong (2009, p.164), “a música é um agente ativo na produção e reprodução social e espacial da vida cotidiana”, e pode ser utilizada ideologicamente para efeito de socialização política.

O geógrafo Robert D. Sack (1980, p.19) define a territorialidade como “*the attempt by an individual or group to affect, influence, or control people, phenomena, and relationships, by delimiting and asserting control over a geographic area*”, ou seja, uma estratégia geográfica para controlar pessoas e coisas através do controle da área. Para este autor, a territorialidade envolve uma forma de classificação por área, uma forma de comunicação por fronteira e uma forma de imposição de controle sobre o acesso a uma área e às coisas dentro dela. Esses três fatores de territorialidade podem ser encontrados em todas as sociedades, desde as primeiras civilizações até às sociedades mais complexas. Portanto, para o autor, a territorialidade abrange uma série de elementos que, combinados entre si, formam especificidades diversas.

Essa perspectiva abrangente da territorialidade apresentada por Sack mostra-se pertinente à investigação do festival parintinense, pois a disputa entre os grupos de boi

estabelece uma cisão socioespacial, caracterizando territorialidades distintas. A divisão espacial que estabelece um lado do bumbódromo para os agremiados do Boi Caprichoso e o outro lado para o Boi Garantido, evidencia a classificação por área; as cores e adereços usadas pelos torcedores de cada grupo de boi também funcionam como símbolos de fronteiras; e o pertencimento a determinado grupo de boi parece corroborar o controle desse grupo sobre o acesso a uma área específica e as relações sociais dentro dela.

Sack (1980) discute, ainda, que a territorialidade pode decorrer de uma competição por coisas e relações no espaço, e não necessariamente por uma competição pelo mesmo espaço. Isso parece ocorrer em Parintins: a disputa entre os grupos de boi se evidencia, principalmente, na busca pelo reconhecimento e pela premiação como o melhor grupo, bem como no esforço para conquistar novos associados.

Os territórios geralmente são concebidos por seus atributos físicos, sua extensão e limites, mas também evidenciam o domínio social sobre o espaço. É possível, por exemplo, falar em território nacional, território indígena, território de uma gangue de traficantes de drogas, entre outros. “Em cada um deles há relações de poder, posse ou domínio, nos quais vigoram normas e leis, definidas por instituições oficiais ou até mesmo aceitas como práticas culturais na sociedade”, segundo Álvaro Heidrich e Bernardete Heidrich (prelo).

A territorialidade incorpora, portanto, uma dimensão política, mas também diz respeito ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação.

O Festival de Parintins, por meio de seus códigos culturais e seus símbolos de pertença e de identificação, estabelece formas de controle disseminadas e muitas vezes autorreguladas pelo próprio grupo. Ao longo dos anos, o espetáculo do boi parintinense se transformou em um show de luzes, cores e tecnologia. É notória a parceria entre os organizadores do boi-bumbá e as escolas de samba do Rio de Janeiro, bem como a presença de grandes empresas nacionais e internacionais financiando a festa, como Petrobrás, Coca-Cola, Kaiser e Bradesco, ou seja, as produções culturais locais estão impregnadas de técnicas e incentivos econômicos de outros lugares.

“Parintins e o boi funcionam para a Amazônia assim como o Rio e o carnaval funcionam para o Brasil. O Brasil já está sendo reconhecido e identificado no exterior pela Amazônia e pela divulgação da cultura criada em Parintins”, afirma Costa (2009, p.186). Mas, em virtude de sua originalidade inventiva e singular, o espetáculo do boi acaba sendo

mercantilizado pela imprensa e pelos interesses econômicos de muitas empresas, tornando a arena um território de transposições e hibridizações culturais.

Isso é claro na evolução das indumentárias e dos carros. As expressões acabam captando tributos de todos os cantos da Amazônia, assim como da vasta e diversificada cultura brasileira e das reproduções de elementos indígenas encontrados na mídia e no cinema transnacional. [...] Porém, a valorização cultural se agrega à necessidade de grandeza do evento e a cultura local torna-se espetáculo comercial, envolve-se com estratégias de divulgação e de equipes técnicas que influenciam sua originalidade e a incrementam com outros atributos culturais que circulam na mídia globalizada (COSTA, 2009, p.187).

O envolvimento da cultura parintinense com o mercado cultural também ficou evidente aos telespectadores que acompanharam as transmissões do 45º Festival Folclórico de Parintins, no ano de 2010: a maneira como os repórteres apresentavam o espetáculo do boi parecia reproduzir a cobertura jornalística do desfile das escolas de samba cariocas. Interessante mencionar, ainda, que a Coca-Cola e o Bradesco, reconhecidos pelas suas logomarcas nas cores vermelho e branco, apareciam nas cores azul e branco durante a apresentação do Boi Caprichoso.

No passado, festas como essa do boi-bumbá em Parintins representavam um papel importante na afirmação da identidade de populações ribeirinhas espalhadas ao longo dos rios e, muitas vezes, isoladas por dias de navegação. Hoje, a festa do boi-bumbá difere muito dessas do passado. O tamanho da manifestação, a construção do Bumbódromo, o extraordinário desenvolvimento das alegorias construídas para o evento, a coreografia das danças, a originalidade dos trajes e decorações, tudo mostra que a escala mudou (CLAVAL, 2009, p.54-55).

Apesar de toda influência da mídia globalizada, que tenta se apropriar do festival do boi para difundir determinados padrões de comportamento e consumo, percebe-se que Parintins ainda vive intensamente suas imaginações culturais como fatos sociais.

Parintins não é exemplo de uma realidade nacional moderna, mas um território da produção e realização de um trabalho imaginário sobre as riquezas das culturas e da natureza do homem amazônico: seu folclore, suas lendas e suas histórias. Lendas e imaginações tomam o mundo real dos habitantes da cidade e daqueles que vêm experimentá-la e isso faz de Parintins um território produzido pela cultura das relações imaginárias que envolvem o contexto amazônico (COSTA, 2009, p.179).

Diante do exposto, percebe-se que, enquanto no passado o folgado do boi contribuía para a afirmação da identidade das comunidades ribeirinhas, a partir de uma escala local, atualmente o espetáculo apresenta, em uma escala mais ampla, a cultura do homem amazônico. Na festa do boi-bumbá, independentemente de “ser Caprichoso” ou “ser Garantido”, todos cantam e exaltam as riquezas do território parintinense.

Assim, pode-se afirmar que o território “desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’ ”(HAESBAERT, 2004, p.95-96).

Conclui-se que, como organização do espaço, o território atende primeiramente a necessidades econômicas, políticas e sociais de determinada sociedade, mas ele também pode ser visto como espaço de articulação de valores, normas e símbolos que regem a existência de grupos humanos.

O boi-bumbá e as questões identitárias

A dimensão simbólica do território torna-se um dos temas essenciais da geografia a partir da década de 1960, referindo-se ao espaço vivido, ao sentido de lugar e enraizamento, e às questões identitárias.

Fundamentada nas correntes filosóficas da fenomenologia e do existencialismo, e contrapondo-se à visão lógica-positivista de espaço, surge a geografia humanista-cultural, tendo como base o estudo do indivíduo frente ao mundo, e privilegiando “novas qualidades como subjetividade, intuição, sentimentos, experiências e simbolismos, acentuando assim o singular e não o geral”, afirma Kozel (2007, p.118). O espaço, antes visto como homogêneo, adquire complexidade e passa a ser interpretado como espaço vivido pelas

experiências humanas. Portanto, a apreensão do espaço relaciona-se às diferentes perspectivas que se fazem presentes na visão de mundo de cada ser humano.

Espaço e lugar são conceitos distintos. O espaço é liberdade, sensação de amplidão, de infinito; o lugar é segurança, é um centro ao qual “atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação”, como afirma Tuan (1983, p.4).

Na geografia cultural, o território é visto como espaço delimitado, apropriado, mas tanto essa delimitação quanto essa apropriação pode ser simbólica, segundo Vargas (2007).

Assim o território pode ser visto como espaço de articulação, de negociação, de mediação, de conjugação, para onde confluem as ações, para onde convergem as re-articulações, abarcando aspectos objetivos e subjetivos das relações que nele se celebram. Revela-se como objeto complexo, onde se estabelecem as redes de poder (dominação e submissão), onde se materializam as relações sociais, culturais, econômicas, ambientais, enfim, todas as relações sociedade-natureza. O território participa efetivamente na construção histórica da identidade do povo que nele vive, definindo e absorvendo suas características [...] (VARGAS, 2007, p.166).

O sentimento de pertencimento que liga uma pessoa a um território resulta de uma história, um vínculo construído a partir das relações que se estabelecem com o agrupamento humano e com o espaço ocupado por esse grupo. A identidade social colabora para a construção desse sentimento.

A música é um poderoso instrumento para fortalecer e despertar sentimentos. No boi-bumbá, as melodias e arranjos harmônicos relativamente simples, acompanhadas por vários instrumentos de percussão que destacam a complexidade e riqueza rítmica da música brasileira, tornam as toadas bastante acessíveis ao gosto popular. As pessoas aprendem a cantar as melodias do seu boi preferido, cujas letras veiculam as emoções de ser amazonense e viver em um espaço repleto de belezas naturais, lendas e personagens míticos. Assim, pode-se afirmar que as toadas promovem a integração da comunidade, fortalecendo a identidade social.

A representação da identidade ocorre na intersecção que se estabelece na condição de homem, entre sua posição de ser produtor e ser produzido em uma realidade social.

Tomada como uma síntese de múltiplas identificações ou um lugar sócio-cultural, a identidade pode ser considerada como identidade pessoal e identidade social.

A identidade, segundo Woodward (2000, p.38), pode ser definida como “produto de uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares”, demonstrando que a identidade é relacional e, para existir, depende de outra identidade diferente e fora dela. Sua construção é tanto simbólica quanto social.

Carrano (2000) também considera o “eu” relacional e móvel, se redefinindo continuamente como uma resposta à dinâmica social: o processo de identificação ocorre em meio à complexidade e à diversidade de possibilidades de escolha.

Como o processo de identificação faz parte das construções sociais e individuais, ele está presente em todas as instâncias da vida social, sendo delimitado e regulado de diferentes formas nos diferentes espaços.

Hall (1998) distingue três concepções muito diferentes de identidade no percurso histórico: o sujeito do Iluminismo, como um indivíduo centrado, unificado, contínuo ou “idêntico” ao longo da sua existência; o sujeito sociológico, formado na relação com o outro, na interação entre o eu e a sociedade; e o sujeito pós-moderno, fragmentado, composto de várias identidades, sem uma identidade fixa ou permanente.

Para esse autor, as identidades que compunham as paisagens sociais e que asseguravam a conformidade subjetiva (mundo pessoal) com as necessidades objetivas da cultura (mundo público) sofreram mudanças estruturais e institucionais profundas. O processo de identificação tornou-se mais provisório e variável, estabelecendo a identidade como uma “ ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1998, p.13).

Essa multiplicidade dos sistemas de significação e representação cultural gera uma concepção de identidade mais perturbadora e provisória e, nas sociedades hodiernas, as pessoas costumam desenvolver múltiplas identificações, como a identificação construída a partir dos vínculos com o território.

Falar uma mesma língua, compartilhar com os demais membros da sociedade os mesmos valores, ideias e hábitos são maneiras de se vincular a uma identidade. É um recurso para se diferenciar dos outros, como se faz

entre as diferentes nacionalidade. Mas as pessoas podem ter mais de uma identidade. Pode-se, por exemplo, ao mesmo tempo ter identidade nacional, regional e de classe (HEIDRICH, prelo).

Considerando as identidades territoriais como a relação dos indivíduos e grupos sociais com uma parcela do espaço, um território, e apoiando-se nos estudos de Haesbaert, Vargas (2007, p.169) afirma que “a identidade social é também uma identidade territorial quando o referente simbólico central para a construção desta identidade parte do ou transpassa o território”, tanto no sentido simbólico quanto concreto.

Assim, é possível tratar a identidade territorial como uma identidade social construída a partir das representações elaboradas sobre os territórios, como os mapas, registros históricos, memórias, literatura, música, cinema e as manifestações folclóricas. Nesse sentido, pode-se afirmar que as representações presentes no folgado do boi contribuem na construção de uma identidade territorial.

Segundo Kong (2009, p.156), “muitas vezes, a construção e o fortalecimento de identidades são possíveis por meio dos textos musicais (o ritmo, as letras e os diferentes estilos), dos intertextos (como *pôsteres*, videocliques, camisetas e outros materiais), assim como por meio de atividades locais (...)”.

As toadas do boi-bumbá retratam um universo amazônico, um viver amazônico. Para Abreu Silva e Costa Silva (2009, p.107), as toadas “são construídas partindo de elementos do espaço parintinense e amazônico, elas influenciam na construção de uma identidade parintinense. A musicalidade passa então a corroborar uma ideia do que é ser parintinense, do que é ser amazônico”.

A questão identitária também emerge na discussão sobre tradição e modernidade, que é um dos elementos centrais na rivalidade entre os dois grupos de boi do Festival de Parintins.

As duas esferas estão presentes na produção artística dos bumbás e na maioria das vezes apresentam-se imbricadas. A diferença entre as agremiações está na forma de conceber, no nível das apresentações, a “identidade regional”. A comissão de arte do Garantido trabalha com a concepção de reproduzir a “realidade amazônica”. Tal “realidade” configuraria a identidade regional. Por sua vez, a diretoria do boi Caprichoso

atua no sentido de que o boi deve exhibir arte no festival. Assim, na antinomia tradicional *versus* moderno, o discurso do Garantido (afirmando-se um “boi folclórico”) se sobressai porque a agremiação cultua mais determinadas imagens e valores da memória do boi-bumbá do que o adversário. Não significa dizer que o Caprichoso não vá às fontes do passado. A questão fundamental é que o boi vermelho (Garantido) transforma a tradição num axioma para marcar uma determinada identidade e definir o rival como o *outro* (moderno, carnavalesco etc.). A alteridade é constituída pela via da acusação e assim define-se um campo de tensão entre os dois personagens (SILVA, 2007, p.45).

No ritual de Parintins, portanto, as identidades se revelam como um conjunto de valores e papéis em constante processo de mudança e de atualização, “no qual a dicotomia imaginada por um *nós* que se contrapõem a um *outro* se dissolve e revela um permanente processo de negociação – entre os dois bois protagonistas da festa e suas fontes de inspiração”, afirma Mariza Peirano, na contra-capa da obra de Silva (2007), ao discutir como as múltiplas representações presentes no espetáculo do boi-bumbá são perenemente modificadas e reposicionadas.

A rivalidade entre os boi na discussão sobre tradição e modernidade é revelada na fala de Junior Paulain⁵ : “(...) nossa fé, nossa cultura, cruzou o mar e os confins, e assim se fez o caboclo do Tocantins. Meu boi faz arte moderna, sem romper a tradição(...)”. Mas o clima de disputa logo se desfaz, quando Paulain declara um hino de amor à Amazônia e ao seu povo: “a vida na floresta Amazônica: o milagre da vida, a vida que nasce da vida a cada segundo na Amazônia. Casa dos índios e caboclos: Amazônia, rainha da vida. Parintins: povo que transforma a vida em arte, ritmo frenético de toada que apaixona. Essa galera⁶ é paixão, é amor...”. Em seguida, David Assayag, levantador de toada conhecido como “o uirapuru da Amazônia” por seu talento musical, começa a cantar o hino do Caprichoso, dando início ao espetáculo: a alegria embala a galera.

⁵ Na abertura do 45º Festival de Parintins, realizada no dia vinte e seis de junho de dois mil e dez, Junior Paulain apresenta o Boi Caprichoso, grupo vencedor do ano com o tema “Canto da Floresta”, tomando como referência histórica as pesquisas folclóricas de Câmara Cascudo.

⁶ Galera é a torcida do boi, que só pode se manifestar e festejar no momento da apresentação do seu grupo, fazendo coreografias na arquibancada.

Durante as apresentações dos bois, as toadas, o ritmo dos tambores, a evolução de cada boi, as vestimentas, o espetáculo colorido e brilhante, o papel do levantador de toadas (o mesmo que puxador de samba), são essenciais e levam o público à emoção, a um estado de maravilhamento, por apreciar um dos maiores festivais da Amazônia (KOZEL e FEITOSA SOUZA, 2009, p.122).

Percebe-se que a música se destaca como elemento central dentro do contexto do Festival de Parintins, e, como “o ambiente sonoro faz parte da imagem que guardamos dos lugares” (CLAVAL, 1997, p.99), as toadas também contribuem para corroborar representações do lugar parintinense.

Considerações Finais

Diante do exposto, percebe-se que o boi-bumbá de Parintins ocupa territorialidades onde os atores projetam suas concepções de mundo e constroem suas identidades, representadas atualmente não apenas como identidade ribeirinha, mas como identidade amazônica.

Nesse sentido, o folgado do boi contribui para o estabelecimento de vínculos territoriais, principalmente através das toadas, pois a música, como uma forma de comunicação cultural, é um meio pelo qual identidades são construídas.

O Festival de Parintins é um espetáculo tecido com o encanto das toadas e lendas, representações de rituais indígenas e celebrações tribais povoadas por seres míticos amazônicos, como botos, iaras, curupiras, caiporas, anhangás, cobras-grandes, uma expressão máxima da autenticidade cultural da região Norte do Brasil.

Referências Bibliográficas

ABREU SILVA, Gustavo Henrique; COSTA SILVA, Josué da. A música dos bois-bumbás: um forte elemento na caracterização do lugar parintinense. p.97-116. In KOZEL, Salete; COSTA SILVA, Josué da; FILIZOLA, Roberto; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). *Expedição Amazônica: desvendando espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas*. “A festa do boi-bumbá: um ato de fé”. Curitiba: SK Ed., 2009

- CARRANO, Paulo C. R. Juventudes: as identidades são múltiplas. In *Movimento: Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense*, v.1, n.1, p.11-27, Maio/2000.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- CLAVAL, Paul. O território na transição da pós-modernidade. In *Géographia*, 1999, Ano 1, nº 2, p.7-26.
- CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. In CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C.C.; CORRÊA, Roberto L. (orgs.). *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. p.89-117. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CLAVAL, Paul. A cultura ribeirinha na Amazônia: perspectivas geográficas sobre o papel de suas festas e festejos. p.36-61. In KOZEL, Salete; COSTA SILVA, Josué da; FILIZOLA, Roberto; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). *Expedição Amazônica: desvendando espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas*. “A festa do boi-bumbá: um ato de fé”. Curitiba: SK Ed., 2009.
- COSTA, Benhur Pinós. Parintins e o festejo do boi: discussões sobre territorialidades. P.168-191. In KOZEL, Salete; COSTA SILVA, Josué da; FILIZOLA, Roberto; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). *Expedição Amazônica: desvendando espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas*. “A festa do boi-bumbá: um ato de fé”. Curitiba: SK Ed., 2009.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2.ed. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- HEIDRICH, Álvaro Luiz. Fundamentos da formação do território moderno. In: *Boletim Gaúcho de Geografia*, nº 23, AGB – Seção Porto Alegre, 1998, p.9-22. Disponível em <http://www.ufrgs.br/labes/publicacoes>, acesso em 11/07/2010.
- HEIDRICH, Álvaro Luiz ; HEIDRICH, Bernardete Beschomer. *Reflexões sobre o estudo do território*. (prelo)
- KONG, Lily. Música popular nas análises geográficas. p.129-175. In CORRÊA, Roberto L.; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). *Cinema, música e espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

- KOZEL, Salete. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. p.114-138. In KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). *Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo: Terceira Mensagem; Curitiba: NEER, 2007.
- KOZEL, Salete; FEITOSA SOUZA, Lucileyde. Parintins, que espaço é esse? Representação espacial sob a ótica do morador e do visitante. p.117-144. In KOZEL, Salete; COSTA
- SILVA, Josué da; FILIZOLA, Roberto; GIL FILHO, Sylvio Fausto (orgs.). *Expedição Amazônica: desvendando espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas*. “A festa do boi-bumbá: um ato de fé”. Curitiba: SK Ed., 2009.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Defel, 1983.
- VARGAS, Icléia A. de. Paisagem, Território e Identidade: uma abordagem da Geografia Cultural para o Pantanal Mato-grossense. p.158-178. In KOZEL, Salete; COSTA SILVA, Josué da; GIL FILHO, Fausto (orgs.). *Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.
- SACK, Robert David. *Human territoriality: Its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- SILVA, José Maria da. *O espetáculo do Boi-bumbá: folclore, turismo e as múltiplas alteridades em Parintins*. Goiânia: EdUCG, 2007.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. In *Scripta Nova: Revista Electronica de Geografia y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, n.93, 2001. Disponível em <http://www.ub.es/geocrit/sn-93.htm>, acesso em 18/05/2010.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomaz T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.